

ca entre os Karajá e os Kaxináwa, às danças de fertilidade dos Javahé e dos Karajá, aos rituais fúnebres dos Umutina e dos Krahó e, em especial, as que mostram várias fases da festa da "moça nova" entre os Tukúna. No meio de tudo isso, muitos exemplos que ilustram as preocupações estéticas dos índios, sobretudo dos Karajá, dos Tukúna e dos Kaxináwa. Vale a pena olhar com um pouco de atenção essas primitivas obras de arte pelo muito que nos dizem da alma de quem as produziu.

Se outro mérito não tivesse, caberia ao livro o de mostrar o índio genuíno, em carne e osso, digno de estudo científico, mas também de simpatia humana. E isso sem dramatizar e sem descambar para o sentimental.

*Egon Schaden*

ANTONIO TOVAR: *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Enumeración, con indicaciones tipológicas, bibliografía y mapas. 410 págs. Editorial Sudamericana. Buenos Aires, 1961.

Antonio Tovar, ex-reitor da Universidade de Salamanca, ex-professor da Universidade de Tucumán e atual catedrático da Universidade de Illinois, investigador de renome da ciência da linguagem, publicou este útil catálogo das línguas indígenas da América do Sul, com o objetivo de fornecer bases para o estudo dos falares nativos sul-americanos e, ao mesmo tempo, despertar entre os estudiosos deste ramo um espírito científico de maneira a criar, no seu entender, uma uniformidade de conhecimento objetivo que hoje falta (pág. 8).

Baseando-se em trabalhos de Mason, Rivet e Loukotka o autor, em 24 capítulos, a partir do extremo sul de nosso continente, faz a enumeração das línguas, estabelecendo as suas filiações e dando ligeiros informes histórico-geográficos (págs. 15-186). Em capítulo final (págs. 186-194) estuda, de maneira sucinta, as relações e mútuas influências das línguas indígenas com o castelhano e o português, incluindo ainda um ensaio sobre tipologia das línguas (págs. 194-199). As páginas 203-370 são ocupadas por uma exaustiva bibliografia a qual, sem dúvida alguma, é a mais útil secção do *Catálogo*, em que pêsse à citação de trabalhos que nada tem a ver com lingüística. Seis bons mapas foram inseridos no livro: cinco reservados à distribuição das línguas das famílias Quéchuá, Tupi-Guarani, Arawak, Caribe e Chibcha e um geral, onde estão relacionadas 204 línguas e dialetos, com exclusão das famílias retro mencionadas.

Como toda obra de caráter geral, o trabalho de Tovar apresenta inúmeros pontos passíveis de discussão e aos mais exigentes lingüistas ela não satisfaz plenamente, embora proporcione uma excelente visão de conjunto do panorama lingüístico sul-americano.

A abordagem de todos os aspectos que se nos afiguram como deficientes ou controversos no *Catálogo* requereria uma explanação tão minuciosa que fugiria, assim o supomos, ao escopo de uma resenha bibliográfica. A grafia dos nomes dos grupos indígenas, por exemplo, para citar alguns pontos que mais merecem reparos, não é uniforme. Tovar não nos apresenta qualquer tentativa de pôr uma certa ordem no caos que impera neste setor. Os juízos emitidos nas notas tipológicas esparsas entre as páginas 15-186, e que representam a sua maior contribuição pessoal, são dentre todos os aspectos abordados pelo autor, os que oferecem melhores oportunidades para amplos debates, pois nem sempre as suas assertivas são satisfatórias. É bastante estranha a afirmação de Tovar (pág. 8) de que "faltan centros de estudios, una revista especializada, una escuela de investigaciones homogeneas", principalmente se consideramos

que êle, na bibliografia, cita diversos artigos publicados no IJAL (International Journal of American Linguistics), revista inteiramente dedicada aos assuntos de lingüística indígena americana.

O capítulo que trata do contacto entre o espanhol e o português com as línguas indígenas é, a nosso ver, bastante deficiente, sem a profundidade que êste assunto requer, principalmente no que diz respeito ao português do Brasil.

Não há dúvida, entretanto, que o *Catálogo* de Tovar, mesmo eivado de pontos discutíveis, e com o tratamento superficial dado a alguns aspectos abordados, é um manual utilíssimo para os estudiosos das línguas indígenas sul-americanas.

*Carlos Drumond*

DICK E. IBARRA GRASSO: *Lenguas Indígenas Americanas*. 135 págs., 3 mapas, 2 láminas, 6 grav. Editorial Nova. Buenos Aires, 1958.

A bibliografia sôbre o estudo das línguas indígenas americanas em conjunto foi acrescida com esta obra de Dick E. Ibarra Grasso, diretor do Museo Arqueológico de Cochabamba, Bolívia. O trabalho, parece-nos, não irá satisfazer plenamente os estudiosos do assunto, em face das idéias um tanto ousadas, mas que não deixam de ser interessantes, esposadas pelo autor. Preocupado principalmente com o problema da origem das línguas americanas, Ibarra Grasso, que se confessa partidário da tese de que tôdas as invenções e descobrimentos tiveram uma origem única, a ponto de ser definido como "o mais hiperdifusionista dos autores hiperdifusionistas" (pág. 126), procura demonstrar, e isto o faz de maneira nem sempre convincente, relações genéticas entre as línguas indígenas da América e da Oceânia.

Tendo por base estudos lingüísticos de Lafone Quevedo, norteando-se pelo sistema de classificação pronominal e pelos sistemas indígenas de numeração, assunto, aliás, de sua especialidade, o autor chega a conclusões interessantes sôbre o problema acima enunciado, mas que devem ser acatadas, assim o supomos, com as maiores cautelas.

Dentro dos nove capítulos em que está dividida a obra inúmeras são as afirmações de Ibarra Grasso que merecem reparos. À pág. 67, por exemplo, referindo-se ao território de origem da família caribe, assevera que não discute a opinião de que a língua bacairi seja a mais primitiva desta família (hipótese de Karl von den Steinen), mas nega que os caribes sejam originários do Alto Xingu, pois "representam en América a una de las capas de procedencia oceánica bastante reciente".

Tratando da família tupi-guarani, sem apresentar razões, prefere chamá-la simplesmente "guarani" (v. pág. 67 e mapa das principais famílias lingüísticas sul-americanas) e, também sem motivo, relaciona separadamente, dentro do rol das línguas principais desta família, o *tupi*, o *tupiniquin* e o *tupinambá* (pág. 67). Dentro da família *ge* (pág. 71) ao relacionar as principais línguas e dialetos que a integram, anota separadamente *savante* e *chavante* (simples variantes gráficas do nome tribal); inclui os *kaingang*, de filiação controversa, além de registrar o nome "*coroado*", o qual, como é notório, se aplica a diversas tribos indígenas do Brasil. A assertiva de que a família *bororo* compreende *numerosas* línguas e dialetos (pág. 71) parece ser um tanto exagerada.

Êstes são breves reparos, entre os muitos que podem ser feitos ao trabalho de Ibarra Grasso, o qual, é forçoso confessar, embora apresente teses das mais interessantes, deve ser encarado com as devidas reservas, dado o caráter hipotético de que se reveste a maior parte de suas conclusões.

*Carlos Drumond*